

**Sociedad de Estudios de la Cerámica
Antigua en Hispania (SECAH)**

Ex/Officina/Hispana
www.exofficinahispana.org

sumario

Editorial

Los talleres alfareros del Cerro del Villar en el contexto de las producciones fenicio-púnicas del ámbito malacitano 2

Noticias

Nota sobre una nueva cerámica con decoración geométrica grafitada de la Primera Edad del Hierro procedente de Calahorra (La Rioja) 7

Conexiones tierra adentro: ánforas púnicas en el poblado ibérico de Cobatillas la Vieja-Sierra del *Balumba* (Santomera, Murcia) 10

Un ánfora Dressel 1B con graffito *post cocturam* proveniente da Otricoli (TR) 14

Un mortero centro-italico de *Statius Marcius y Demetrius* en Gades 16

Nuevas aportaciones al estudio de las cerámicas imitación de sigillata (CIS) tardo-republicanas y altoimperiales en *Hispania* (I). Las imitaciones de Terra Sigillata itálica. ¿Productos de consumo alternativo? 21

Sobre un ánfora Haltern 70 de Premià de Dalt (Barcelona) 28

Dolium Vinarium do Patarinho (Santa Comba Dão, Norte da Lusitania) 31

A produção de *dolia* em Monte do Bolor 3 (Beja): Os materiais do forno 2 35

Grafito de capacidade volumétrica num *dolium* exumado na Praia da Tojeirinha (Ponte de Sor, Portugal) 39

Inscripciones inéditas en *dolia* de Mas d'en Bosc (Constantí, Tarragonès): nuevos testimonios sobre la capacidad de almacenamiento vitivinícola en el Ager Tarraconensis 43

Leer antes de consumir. Breves apuntes sobre grafitos *post cocturam* con indicación de contenido en ánforas romanas 47

Acteón en un molde de *Terra sigillata* hispánica producido en el *ager Tarraconensis* 48

Dos nuevos sellos en TSI procedentes de la periferia campamental de León 51

Un conjunto de platos del alfarero *Cai(.) Lu(.)* encontrados en León 54

Análisis de un disco de lucerna con representación de personajes portadores hallado en la *Domus* Aterrazada de *Ercavica* 58

Olla AQTA y sus marcas en Cantabria: nuevos datos 62

A propósito de um tipo pouco conhecido da produção de cerâmicas de paredes finas emeritense: a taça Mayet 632 65

Tres piezas ¿importadas? De la necrópolis de los CTT (Braga) 69

Nuevo sello del municipio Flavio de *Arva*: aproximación a su interpretación textual mediante fotogrametría y calco de silicona. 72

Un nuevo sello de la serie PORLFS en Mesa de Lora (Lora del Río, Sevilla) 76

Ánforas de Lípari halladas en el vertedero meridional de Laminium (Alhambra, Ciudad Real) 81

Dos ánforas Dressel 20 de procedencia submarina con las marcas *PANR* y *SCALEID* (?) halladas en aguas de Roses (Girona) 85

Un ánfora completa de la forma Keay 25 – AFRICANA 3 B hallada en la costa de Roses 87

Un nuevo fragmento de cerámica vidriada romana procedente de *Augusta Emerita* (Mérida, Badajoz) 90

Un hallazgo de cerámica vidriada en el asentamiento rural romano de Camino de Baracalde (Torrejón de Ardoz, Comunidad de Madrid) 92

Ánfora del tipo Puerto Real 1 o 2 con sello FEX procedente del entorno de Puente Melchor (Puerto Real, Cádiz) 96

Artículo

Perfumes y ungüentos, de la Iberia Prerromana a la Hispania Republicana (ss. V/IV – I a.n.e.): Datos y perspectivas de investigación a partir de sus contenedores 99

A produção de dolia em Monte do Bolor 3 (Beja): Os materiais do forno 2

Sónia Bombico*

Daniel Andrade**

José António Pereira***

Rosa Mateos***

*Universidade de Évora – CIDEHUS, IIFA, FCT

**CHAM – Universidade Nova de Lisboa/FCSH, FCT

***Novarqueologia- Arqueologia, Informática e Serviços LDA

sbombico@uevora.pt

andrade.dcp@gmail.com

japereira@novarqueologia.pt

rmateos@novarqueologia.pt

<https://orcid.org/0000-0001-5742-2202>

<https://orcid.org/0000-0003-4594-952X>

O sítio *Monte do Bolor 3* (São Brissos, Beja) foi identificado na sequência dos trabalhos de minimização de impactos sobre o património cultural, decorrentes da Implementação do Troço de Ligação Pisão-Beja (Sistema Global de Rega do Alqueva), adjudicados à empresa NOVARQUEOLOGIA, LDA, pela EDIA - Empresa de Desenvolvimento e Infraestruturas do Alqueva, S.A., promotor do projeto.

Uma primeira fase de intervenção, que incluiu sondagens arqueológicas de diagnóstico, resultou na identificação de vestígios dos períodos pré-histórico e romano. Estes resultados evidenciaram um elevado potencial arqueológico do sítio e motivaram uma segunda fase de trabalhos, concretizada numa escavação mecânica numa área de cerca de 600 m², até à cota de identificação de contextos arqueológicos preservados, os quais foram posteriormente escavados manual-

mente. Resultaram desta intervenção a identificação de várias fases de ocupação do sítio que se prolongam desde o período Calcolítico até à Antiguidade tardia (Mateos *et alii* 2011: 4).

A necessidade de uma nova fase de intervenção arqueológica neste sítio impôs-se face aos dados recolhidos durante o acompanhamento arqueológico, que permitiram evidenciar a presença de várias estruturas em negativo a sul, sudeste e sudoeste da zona anteriormente intervencionada. Seguiram-se, por isso, novos trabalhos arqueológicos, realizados pela empresa Novarqueologia entre 1 de outubro de 2010 e 12 de janeiro de 2011, sob a direção de Susana Cristina da Silva Borges e Rosa Maria Salvador Mateos.

O sítio, localiza-se na freguesia de São Brissos (Beja), em espaço rural, numa pequena elevação sobranceira à Ribeira do Álamo, a uma cota de cerca de 180 metros de altitude (Fig. 1).

A ocupação romana corresponderá a uma propriedade rural de produção agrícola do tipo *villa*. Os trabalhos arqueológicos incidiram especialmente sobre o *fundus* da *villa*, tendo sido identificados vestígios de valas de uma antiga vinha. Estes correspondem a um total de 78 valas de planta sub-retangular, com dimensões médias entre 1,60 e 1,90 metros de comprimento, 60 a 80 cm de largura e 30 a 40 cm de profundidade. Estavam dispostas em seis fiadas paralelas, orientadas no sentido NE-SW, com cerca de 1 metro de separação entre valas e 2 metros entre fiadas. A escavação não revelou restos humanos ou animais, apenas escassos artefactos, o que levou à interpretação destes vestígios como parte de uma vinha, datável da Idade do Ferro, com grande probabilidade ainda em uso no período Romano.

Como paralelos para os vestígios da vinha apontam-se os contextos dos sítios “Los Caños”, em Badajoz (Rodríguez

Díaz *et alii* 2006), e Orden-Seminario, em Huelva (Peña Cervantes 2020: 74).

Diversas estruturas negativas do tipo fossa foram, igualmente, escavadas. Algumas fossas são associáveis a silos, posteriormente reutilizados como lixeiras; outras poderão ter servido de encaixe para uma estrutura de madeira relacionada com um possível lagar — uma delas, em particular, destinada ao peso do lagar. Foram, ainda, identificados vários *dolia defossa*, um dos quais *in situ*, e dois fornos cerâmicos de época romana. Algumas das fossas parecem estar associadas à atividade oleira: teriam sido usadas para a extração de argila, o seu armazenamento ou secagem, e, posteriormente, para o descarte de detritos cerâmicos, incluindo peças produzidas nos fornos (Mateos *et alii* 2011 e Mateos e Pereira 2015).

Uma primeira aproximação ao estudo dos materiais arqueológicos destes contextos sugere que a ocupação do sítio poderá remontar à época Alto-Imperial, num momento em que *villae* como a de São Cucufate (Vidigueira) e, mais próxima, a de Pisões — fundadas na segunda metade do século I d.C. — surgem, provavelmente, no contexto do desenvolvimento económico provincial e da instalação de grandes unidades rurais nas regiões mais férteis da Lusitânia, entre as quais o Alentejo (Alarcão 2018). Mais difícil se afigura propor um momento final para esta ocupação, que parece ter perdurado até à Antiguidade Tardia (Mateos *et alii* 2011 e Mateos e Pereira 2015).

Apesar da supremacia das formas destinadas ao armazenamento — *dolia* — foram também recuperados, no decurso dos trabalhos, diversas cerâmicas comuns, entre as quais recipientes utilizados na preparação, confeção e consumo de alimentos, como alguidares, panelas, tigelas, pratos, terrinas e bilhas. Foram, ainda, identificados escassos fragmentos de ânforas, *terra sigillata*, paredes finas e lucernas. A maioria dos *dolia* recuperados encontra-

va-se revestido com pez, resina utilizada na impermeabilização dos contentores, indiciando o seu uso na produção ou armazenagem de vinho – dado consistente com a identificação da vinha no sítio (Mateos *et alii* 2011 e Mateos e Pereira 2015).

Foram escavados dois fornos de cronologia romana, sendo que o denominado Forno 2 se encontrava mais bem preservado e permitiu uma interpretação arqueológica mais consistente.

O forno 1 preservava vestígios da câmara de combustão de planta circular, com

praefurnium orientado E/O. Três arcos radiais sustentariam uma grelha possivelmente removível, construída em adobes, dada a abundante presença deste material na escavação. A estrutura foi implantada numa fossa circular, deixando entre as paredes de adobe e o substrato um depósito de argila, destinado a evitar a perda de calor.

O forno 2 (Fig. 2), escavado diretamente no afloramento local, apresenta uma câmara de combustão circular com 3,83 m de diâmetro e um *praefurnium* com 6,20 m de comprimento por 2 m de

largura, com entrada em arco perfeito. No interior da câmara, três arcos radiais (dois dos quais conservados) sustentavam uma grelha fixa, ainda relativamente bem preservada, sobre a qual se encontrava um *dolium*. O *praefurnium* encontrava-se colmatado com terra e fragmentos de *dolia*, incluindo um exemplar completo colocado de forma a selar a entrada. Esta evidência aponta para a reutilização do forno como lixeira de cerâmica após o seu abandono.

As características do forno 2 enquadram-no na classificação Tipo I/d de Cuomo

Figura 1. (A e B): Localização do Monte do Bolor 3 e dos outros sítios mencionados no texto (1 – S. Cucufate; 2 – Pisões; 3 – Orden-Seminario; 4 – Augusta Emerita; 5 – Quinta da Granja; 6 – Abul; 7 – Pinheiro); (C): fotografia do contexto de vinha; (D): *dolium* defossa do Monte do Bolor 3.



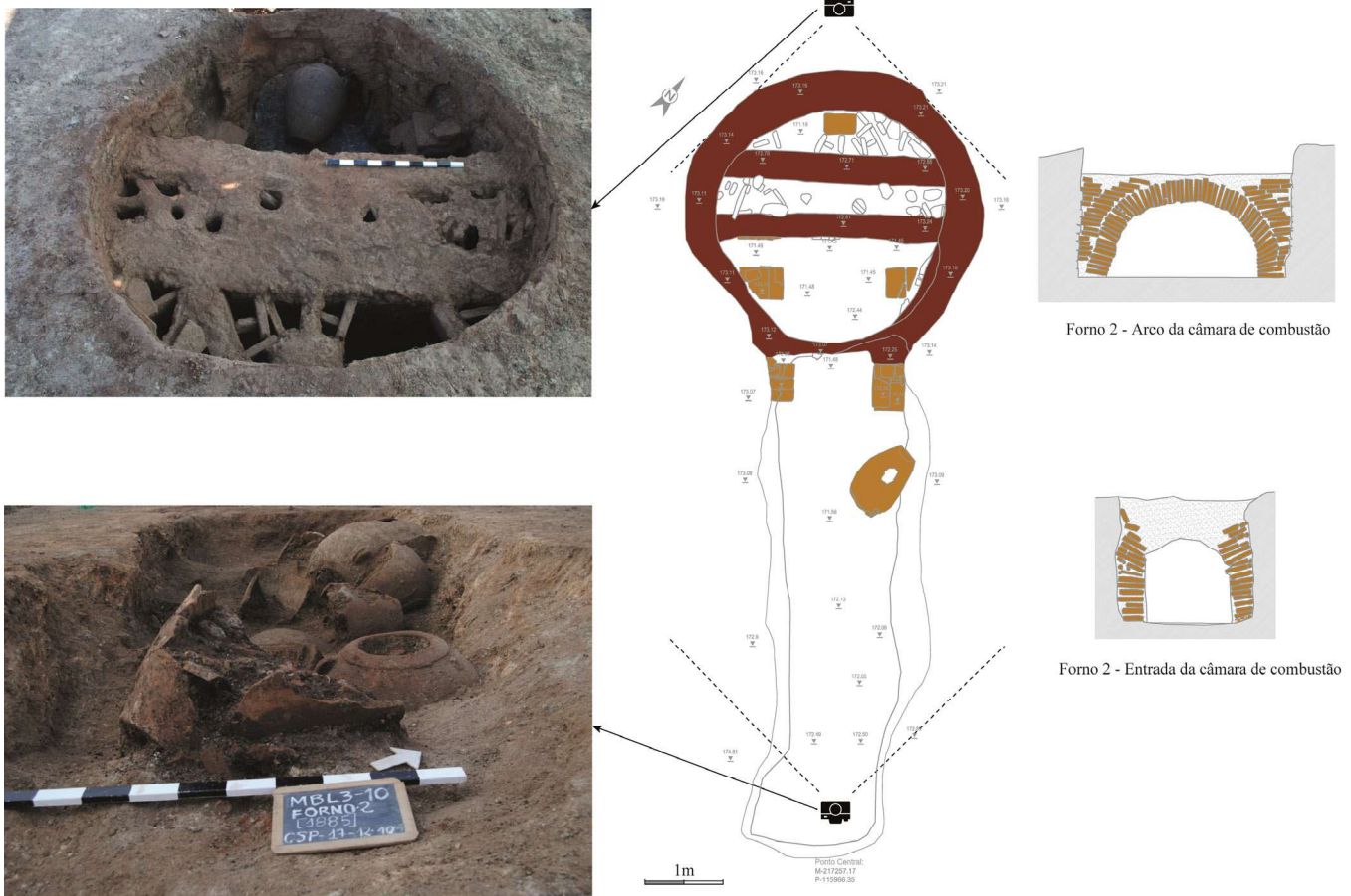


Figura 2. Planta do forno 2, com fotografias da escavação.

de Caprio, comum em locais de produção de *dolia* do início do império na *Lusitania*, com paralelos na Quinta da Granja (Sabrosa *et alii* 2012: 152-157), Pisões (Bargão e Henriques 2017: 190-191), Augusta Emerita (Barrientos Vera 2004: 384-386), Abul (Mayet e Silva 1998) e Pinheiro (Mayet e Silva 2002), por exemplo.

Os fragmentos de *terra sigillata* hispânica tardia presentes no *prae-furnium* sugerem que a utilização do forno 2 terá sido descontinuada, possivelmente entre o final do século IV e o século V d.C.

Em 2024, no âmbito do projeto VILUS¹, foi estudado o conjunto de grandes contentores proveniente do forno 2. O conjunto é composto por 643 fragmentos e um NMI (Número Mínimo de Indivíduos) de 69. Estes grandes recipientes divi-

dem-se em dois grupos morfológicos, igualmente representados (Fig. 3). O primeiro apresenta um corpo ovoide alongado com um bordo oblíquo variável e introvertido, duas asas que arrancam ligeiramente abaixo do bordo e uma base plana. Morfologicamente, situa-se entre os tipos 1 e 2 definidos para a *Lusitania* (Quaresma *et alii* 2024). O segundo grupo apresenta corpo piriforme invertido, bordo introvertido em glândula e um fundo plano simples, sendo enquadrável morfológicamente no tipo 3 definido para a *Lusitania* (Quaresma *et alii* 2024), apresentando nítidas afinidades com o subtipo 3F. Estes dois grupos enquadram-se perfeitamente no repertório de tipologias típico do Alentejo, dominado pela presença maioritária dos tipos 2 e 3 (Quaresma *et alii* 2024).

A coloração das pastas varia entre tons avermelhados, alaranjados, castanhos e acinzentados. A textura é, de forma geral, média a grosseira, com inclusões abundantes visíveis a olho nu. Estas são maioritariamente compostas por quartzo anguloso (incolor ou esbranquiçado), fragmentos de rocha e mica, sendo pontualmente identificável a presença de *chamotte* e pequenas partículas calcárias. As superfícies apresentam apenas um alisamento simples e as fraturas revelam porosidade elevada, típica de argilas pouco compactadas. A composição observada aponta para o uso de matérias-primas locais.

Os exemplares associáveis ao contexto arqueológico do forno 2 apresentam diâmetros de bordo entre 28 cm e 33 cm, e alturas que variam entre 85 cm e 93 cm.



Figura 3. Principais tipos de *dolia* recuperados no forno 2.

Os volumes calculados a partir dos exemplares completos indicam capacidades entre 100 e 150 litros, valores claramente abaixo da média de 250 litros proposta para os *dolia* da Lusitânia por alguns autores (Carrato 2020: 26–27), bem como da capacidade máxima estimada em 350 a 400 litros (Pinto *et alli* 2024: 342). Enquadram-se, no entanto, em modelos com dimensões bastante frequentes nos contextos lusitanos, e em particular da região do Alentejo (Bombico *et alli*, 2024; Pinto *et alli*, 2024; Quaresma *et alli*, 2024).

A homogeneidade morfológica e as dimensões relativamente reduzidas dos *dolia* sugerem uma produção orientada, em grande medida, para as necessidades e o aprovisionamento da própria *villa*, refletindo potencialmente um certo grau de autossuficiência produtiva desta unidade agrícola. Neste contexto, importa refletir sobre os possíveis modelos de abastecimento de *dolia* às *villae* da região. Alguns

autores propuseram um modelo de aprovisionamento regional de média distância, que parece corresponder aos casos das *villae* da Tourega e de São Cucufate (Pinto *et alii* 2024: 342). Contudo, esse modelo não pode ser generalizado a todo o território, uma vez que existiriam propriedades com produção própria, como parece ser o caso de Monte do Bolor 3. Resta, no entanto, apurar se essa produção de *dolia* se destinava exclusivamente ao uso na *villa* ou se integrava também circuitos de distribuição à escala regional (Pinto *et alii* 2024: 342).

As investigações arqueológicas no Monte do Bolor 3 fornecem informações valiosas sobre as atividades económicas desenvolvidas no sítio, ilustrando de forma mais abrangente a vida rural romana no Alentejo, em particular no que diz respeito à produção vitivinícola. No entanto, apesar de a maioria dos exemplares apresentar vestígios de pez, é importante notar que os *dolia* eram utilizados para

armazenar diversos géneros alimentícios, e não exclusivamente vinho. A determinação dos seus usos através de análises químicas de resíduos orgânicos revela-se, todavia, inconclusiva, como demonstram, por exemplo, os resultados obtidos em fragmentos da *villa* da Horta da Torre (Bombico *et alii* 2024). Deve, ainda, considerar-se que estes recipientes — à semelhança do que sucede atualmente com as talhas utilizadas na produção de Vinho de Talha, no Baixo Alentejo — podiam atingir uma vida útil superior a 100 anos.

Bibliografia

- Alarcão, J. 2018: *A Lusitânia e a Galécia do séc. II a.C. ao séc.VI d.C.* Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.
- Bargão, P. e Henriques, R. 2017: “Contribution to the study of Villa de Pisões (Lusitânia): Excavation of two ceramic kilns of Roman origin”, *O Arqueólogo Português*, série V, 6/7. Lisboa: Direcção Geral do Património e Cultura, 185-200.
- Barrientos Vera, T. 2007: “Una figlina emeritense extramuros del siglo I d. C. y la

